

Sobre a formação psicanalítica¹

Graça Freitas² e Lenilda Estanislau Soares de Almeida³

“Só um homem que realmente sabe é modesto; pois ele sabe quão insuficiente é seu conhecimento”.

Sigmund Freud

Resumo

Este trabalho descreve a trajetória de Freud acerca da formação psicanalítica. Inicia-se com alguns marcos importantes da história do movimento psicanalítico, onde a partir do ano de 1902, jovens médicos procuravam Freud com o objetivo de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise, até os métodos de formação psicanalítica – ainda em uso hoje em dia – onde se fala dos quatro trabalhos essenciais que constituem a psicanálise: a análise pessoal, a teoria, a prática e a supervisão.

Para falar sobre formação psicanalítica, faz-se necessário falar sobre algumas passagens da história do movimento psicanalítico. Escreve Freud no texto A História do Movimento Psicanalítico, volume XIV da edição Standard Brasileira:

“A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar, e difundir o conhecimento da psicanálise. O estímulo proveio de um colega que experimentara, ele próprio, os efeitos benéficos da terapêutica analítica. Reuniões regulares realizavam-se à noite em minha casa, travavam-se debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa e de despertar, em outros, o interesse por ele”. (1914:36)

“Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos à que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. Deveria haver alguma sede cuja função seria declarar¹ todas estas tolices nada têm a ver com a análise; isto não é psicanálise”. (1914:56)

“O objetivo da associação era “promover e apoiar a ciência da psicanálise fundada por Freud, tanto como psicologia pura,

como em sua aplicação à medicina e às ciências mentais, e cultivar o apoio mútuo entre seus membros para que fossem desenvolvidos todos os esforços no sentido da aquisição e difusão de conhecimentos psicanalíticos”. (1914:57)

Como vimos nos parágrafos acima citados, os caminhos que levam a uma formação psicanalítica são questionados desde os primórdios dos estudos sobre psicanálise.

No final de 1890, os alunos de Freud na Universidade submetiam-lhe, de tempos em tempos, seus sonhos. Psicólogos ou médicos solicitavam-lhe ajuda no tratamento dos sintomas neuróticos. “Estas análises precoces eram, segundo Bernfeld, verdadeiras didáticas.” (Safouan, 1985:16)

Foi por ocasião da criação do Instituto de Psicanálise de Berlim que foram decididos os métodos de formação psicanalítica ainda em uso.

Em 1905, Freud iniciou com analistas análises mais longas. Ele estabelecia a duração da análise e o ensino teórico de seus aluno-analisantes, conforme a natureza dos sintomas neuróticos com os quais lidava, embora conservasse suas didáticas livres das regras administrativas e das considerações políticas.

¹ Trabalho apresentado da II Jornada Interna do GPAL em Dezembro/2002.

² Psiquiatra e psicanalista do GPAL.

³ Psicóloga e psicanalista do GPAL.

Sobre a formação psicanalítica

Segundo Bernfeld, a história da psicanálise didática se distingue em dois períodos:

O primeiro vai dos primórdios da psicanálise até 1923-1924. Nessa época, conduzia-se a análise do modo já descrito. Posteriormente, Abraham, Ferenczi e Federn juntaram-se a ele. Desse período, ficou o aprendizado de que a auto-análise não podia esclarecer a curiosidade e nem ajudar nas dificuldades pessoais de quem exercia a psicanálise, sendo iniciativas dessas pessoas solicitar uma análise pessoal a alguém que conhecesse um pouco mais e merecesse essa confiança.

O grupo berlinense, sentindo a necessidade de uma análise pessoal, convida Hans Sachs para ir à Berlim se especializar na análise dos analistas, tornando-se, então, o primeiro analista didata. Muito cedo, Sachs percebeu a dificuldade de conduzir essas análises e, ao mesmo tempo, supervisionar o trabalho terapêutico desses analistas, discutindo com eles as questões teóricas e técnicas. Com sabedoria, ele separou suas análises de quaisquer ensinamentos, limitando esse último aos seminários feitos na clínica.

O segundo período vai do final de 1923 ao início de 1924, marcado pela decisão da Comissão de Ensino da Sociedade de Berlim de regulamentar suas atividades. A Comissão ofereceu um programa de ensino completo aos psiquiatras que aceitaram as condições impostas: seria poder da Comissão aceitar ou rejeitar irrevogavelmente o candidato, conforme a impressão recebida depois das três entrevistas sucessivas a que se submeteria; o candidato deveria se submeter a uma primeira análise pessoal com uma duração mínima de seis meses, cabendo à Comissão designar ou não o didata. A partir do parecer deste didata seria decidido, pela Comissão, o momento em que a análise seria suficientemente avançada para que o aspirante pudesse participar das etapas seguintes da formação; também caberia à Comissão decidir quando a análise poderia ser considerada terminada. O candidato deveria fazer seu engajamento e só poderia se designar analista, quando fosse finalmente admitido à sociedade.

“De uma forma geral, a idéia de Freud em relação à Instituição Psicanalítica era garantir as condições de transmissão da psicanálise... Nunca é bom que um psicanalista se encontre na clandestinidade na sua prática. A função da comunidade psicanalítica é evitar qualquer tipo de clandestinidade da prática analítica”. (Pierre Fedida, 1987)

A Instituição é necessária como lugar de encontro, de troca de conhecimentos, de pesquisas, de experiências, de confirmação dos desejos próprios dos que se dedicam a desenvolver teorias e técnicas desta profissão. Nela, constitui-se, enriquece-se, amplia-se o referencial teórico-técnico essencial para o desempenho de profissão tão impossível. A Instituição se constitui um avatar da profissão, responsável não apenas pela autorização, mas sim pelo aval, enquanto evita a clandestinidade e oferece o caminho para a sociedade, dando condições para uma formação séria, nem superficial, nem grosseira, segundo Didier Anzieu (1976). A Instituição se presta a reunir analistas em torno do impossível, necessitando levar em conta o mal estar. Mas o mal estar impõe trabalho e os psicanalistas são obrigados a legitimar sua prática na troca com seus pares, através de suas idéias e comunicações.

Quando falamos de transmissão em psicanálise, falamos não apenas do lugar (Instituição Psicanalítica) onde ela se dá, nem só do sujeito que, supostamente, a transmite ou seu receptáculo num processo único em que o que se transmite é a teoria psicanalítica, mas também do espaço intersubjetivo que a favorece.

Para uma formação psicanalítica, faz-se necessário um bom investimento na análise pessoal, pois antes de ser analista, é preciso ser analisante. Após um período importante de análise, surge o desejo de ser analista, vem vindo também como uma saída para tentar tamponar a angústia, que com a fúria do sintoma, estilhaça o narcisismo que constitui o Eu. Percebe-se *a posteriori*, esta angústia como combustível vital para a análise.

A análise oferece um novo destino à pulsão, como neurose de transferência, permitindo que o analisante se identifique não com o analista, mas com o seu trabalho de investigação.

Trata-se de uma disponibilidade para questionar, não o saber que os impulsos revelam, mas as certezas que o pensamento constrói. É isso que permite ao analisante poder investigar a natureza de suas motivações, de seus sintomas e de suas convicções.

Um segundo momento é o encontro com a instituição, a busca de um saber, de uma teoria ou coisa que o valha para tentar organizar uma compreensão da experiência analítica.

A prática de leitura e a clínica são importantes componentes que forjam este *ser* analista, mas tais componentes se subordinam a uma instância principal, essencial à formação: sua análise pessoal e tudo o que isto significa em termos de uma experiência que reestrutura o sujeito. Tal experiência, entretanto, não é sinônimo de cessação dos efeitos do inconsciente na trama dos desejos que constitui o sujeito. Isto é interminável, pois somos sujeitos originalmente constituídos pela falta e o Eu paira solene em sua ingênua alienação ao Id.

É fundamental para a Instituição Psicanalítica que a aceitação de novos membros em seus grupos de formação passe pela avaliação do tempo e da qualidade da análise do candidato.

A análise pessoal, entretanto, não exclui outras exigências para aqueles que desejam autorizar-se como analista. A construção teórica também é uma preocupação em Freud; a perspectiva de ganho científico, diz ele, é a feição mais orgulhosa e feliz do trabalho psicanalítico. Um esquema de formação, segundo Freud, deve abranger elementos das ciências mentais da psicologia, da sociologia, do estudo da evolução da mitologia. Recomenda, ainda, a familiarização com a sintomatologia da psiquiatria, a psicologia da religião e a ciência da literatura.

Como a formação é permanente, a Instituição é importante como lugar onde diferentes saberes, além da psicanálise, podem se fundir, serem discutidos, uma vez que ela está mergulhada nesses outros conhecimentos que interferem no contexto de trabalho do analista.

Há quatro trabalhos que constituem a psicanálise: trabalho com o texto freudiano, a própria análise, a prática e a supervisão. A característica mais importante desses trabalhos é que nenhum deles, por si só é suficiente na formação de um psicanalista.

Cada analista tem um trajeto singular, cada um enfatizando um ou outro desses trabalhos que constituem a psicanálise, mas sempre um trabalho constituinte e nunca constituído.

O conhecimento da teoria serve de pano de fundo onde o saber psicanalítico provindo da prática é representado e, como reforço desta, a supervisão faz um papel de "costura" da análise pessoal com a teoria e a própria prática, dando oportunidade de pontuar aspectos que o candidato à analista deve ver ou rever em sua análise pessoal.

No que diz respeito ao reconhecimento do analista, Freud parece preferir nos dizer que devemos deixar os próprios pacientes descobrirem que lhes é prejudicial procurarem assistência mental junto a pessoas que não aprenderam a proporcioná-la. Qualquer um, diz ele, que tenha amor à vida, fará essa proibição por si mesmo, e qualquer um, que deseje matar-se dessa maneira, não pedirá permissão.

Referências bibliográficas

Anzier, D. (1976). *Être Psychanalyste*. Paris: Dunod.

Borges, F. (1989). Aventuras de um escuta-dor no reino da Super-visão. *Estudos de Psicanálise*. Nº12, 19-33.

Freud, S. (1977). *A questão da análise leiga*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1926).

Sobre a formação psicanalítica

Freud, S. (1977). *A história do movimento psicanalítico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1914).

Kellner, S. R. de O. (1995). Transmissão em Psicanálise. Contribuições do eTema. *A Clínica Psicanalítica Hoje*. (Anais da Segunda Jornada Norte-Nordeste do Circulo Brasileiro de Psicanálise e Quarta Jornada do Circulo Psicanalítico de Sergipe)

Kehl, Maria Rita. (2002). *Sobre Ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Navarro, C. & Pinheiro, M^a de L.E. (1995). Transmissão da Psicanálise. *A Clínica Psicanalítica Hoje*. (Anais da Segunda Jornada Norte-Nordeste do Circulo Brasileiro de Psicanálise e Quarta Jornada do Circulo Psicanalítico de Sergipe)

Safouan, M. (1985). *Jacques Lacan e a Questão da Formação dos Analistas*. Porto Alegre: Artes Médicas.



SIGMUND FREUD COM UM GRUPO DE SEUS COLABORADORES MAIS PRÓXIMOS

Rank, Abraham, Eitingon, Jones, Freud, Ferenczi, Sachs (1920)